



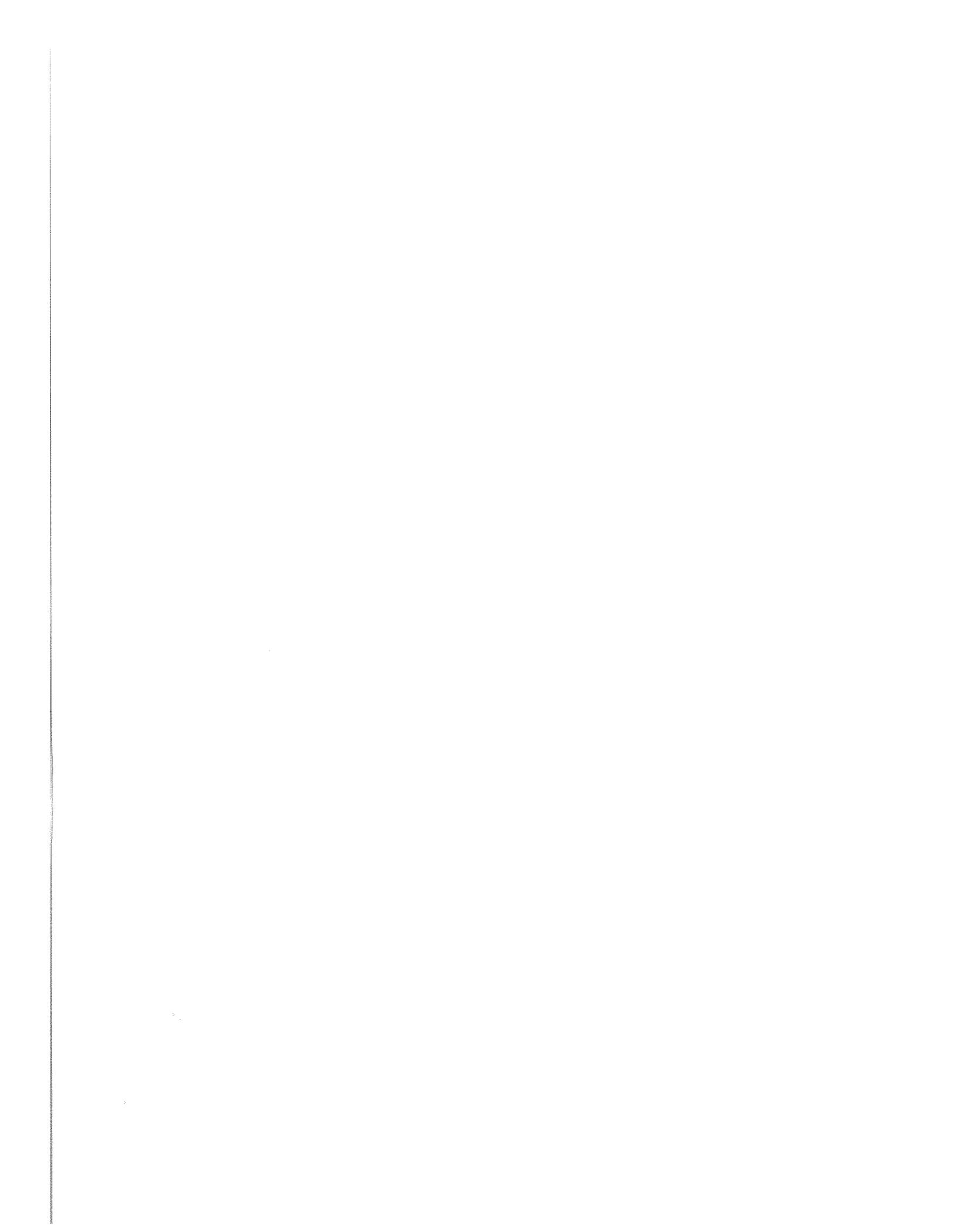
INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

# IESM ATUALIDADE

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE SEGURANÇA E DEFESA

NÚMERO 3

MARÇO 2015



INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES

A CRISE NA UCRÂNIA

*THE CRISIS IN UKRAINE*

**AUTORES:** (DOCENTES DO IESM)

TCOR LEONEL JOSÉ MENDES MARTINS (COORDENADOR)

TCOR ANTÓNIO LUÍS BEJA EUGÉNIO (COORDENADOR)

TCOR ANTÓNIO MANUEL GOMES MOLDÃO

TCOR FERNANDO PEREIRA LEITÃO

CTEN PAULO JORGE DE CARVALHO ALONSO LINDO

MAJ ADALBERTO JOSÉ GUERREIRO DA SILVA CENTENICO

MAJ CARLOS FILIPE NUNES LOBÃO DIAS AFONSO

MAJ PAULO JORGE RAINHA

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DE SEGURANÇA E DEFESA

MARÇO DE 2015



A publicação **IESM Atualidade** visa publicar eletronicamente no sítio do IESM ensaios ou artigos de opinião sobre temas de segurança e defesa da atualidade, preferencialmente da autoria de docentes do IESM, de investigadores do CISDI ou de outros investigadores nacionais ou estrangeiros, a convite do Diretor ou por iniciativa própria. Em princípio não devem incluir bibliografia, mas poderão citar obras de referência em notas de rodapé.

---

*Diretor*

Tenente-General Rui Manuel Xavier Fernandes Matias

---

*Editor-chefe*

Major-General (Doutor) Jorge Filipe Marques Moniz Côrte-Real Andrade

---

*Coordenador Editorial*

Coronel Tirocinado Lúcio Agostinho Barreiros dos Santos

---

*Núcleo Editorial e Design Gráfico*

Capitão-de-mar-e-guerra Carlos Alberto dos Santos Madureira  
Tenente-Coronel Nuno Manuel Antunes Pires

---

*Propriedade*

Instituto de Estudos Superiores Militares  
Rua de Pedrouços, 1449-027 Lisboa

Tel.: 213 002 100

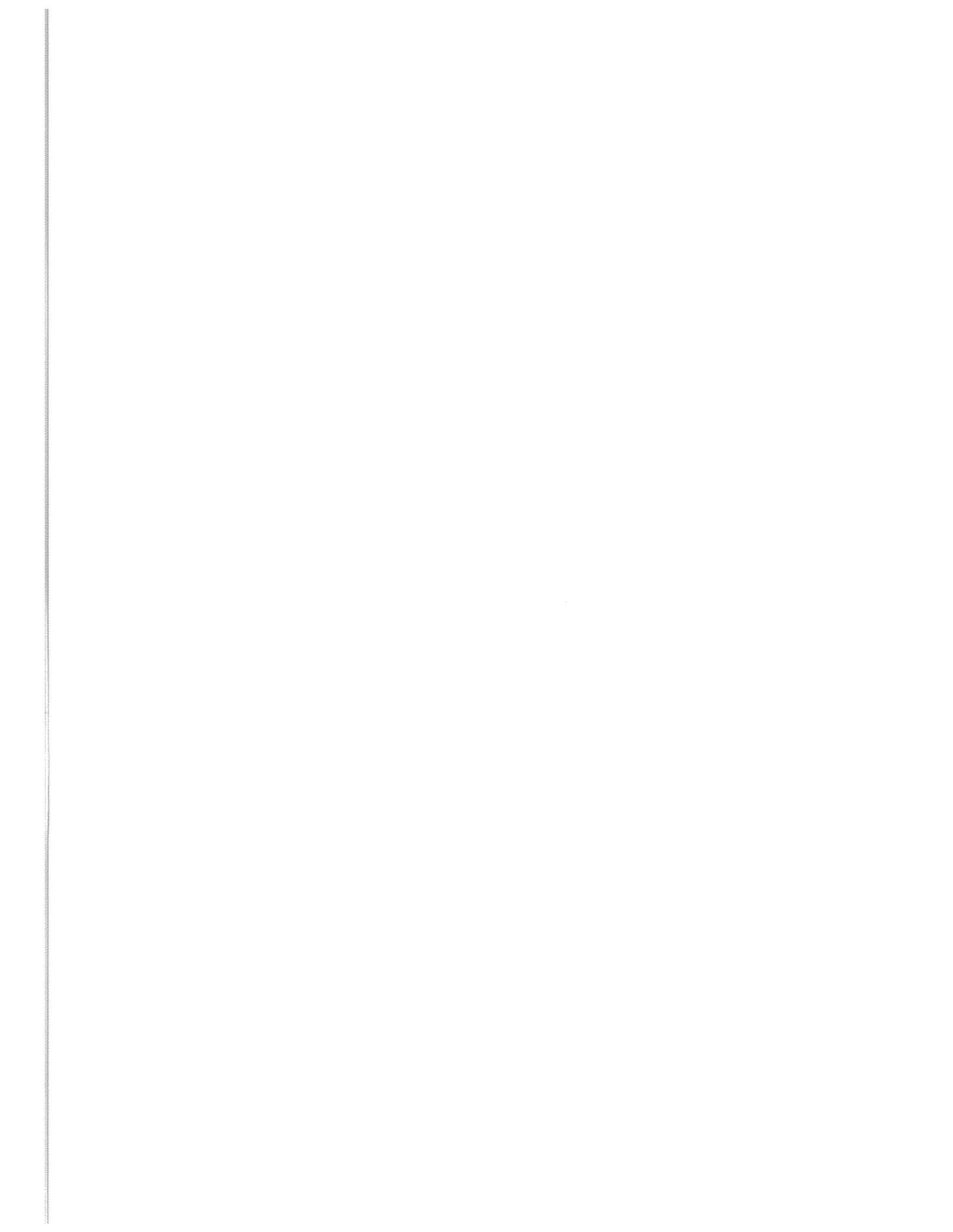
Fax.: 213 002 179

E-mail: [cisdi@iesm.pt](mailto:cisdi@iesm.pt)

[www.iesm.pt/cisdi/publicacoes](http://www.iesm.pt/cisdi/publicacoes)

---

ISSN 2183-2560



# A CRISE NA UCRÂNIA

## A UCRÂNIA

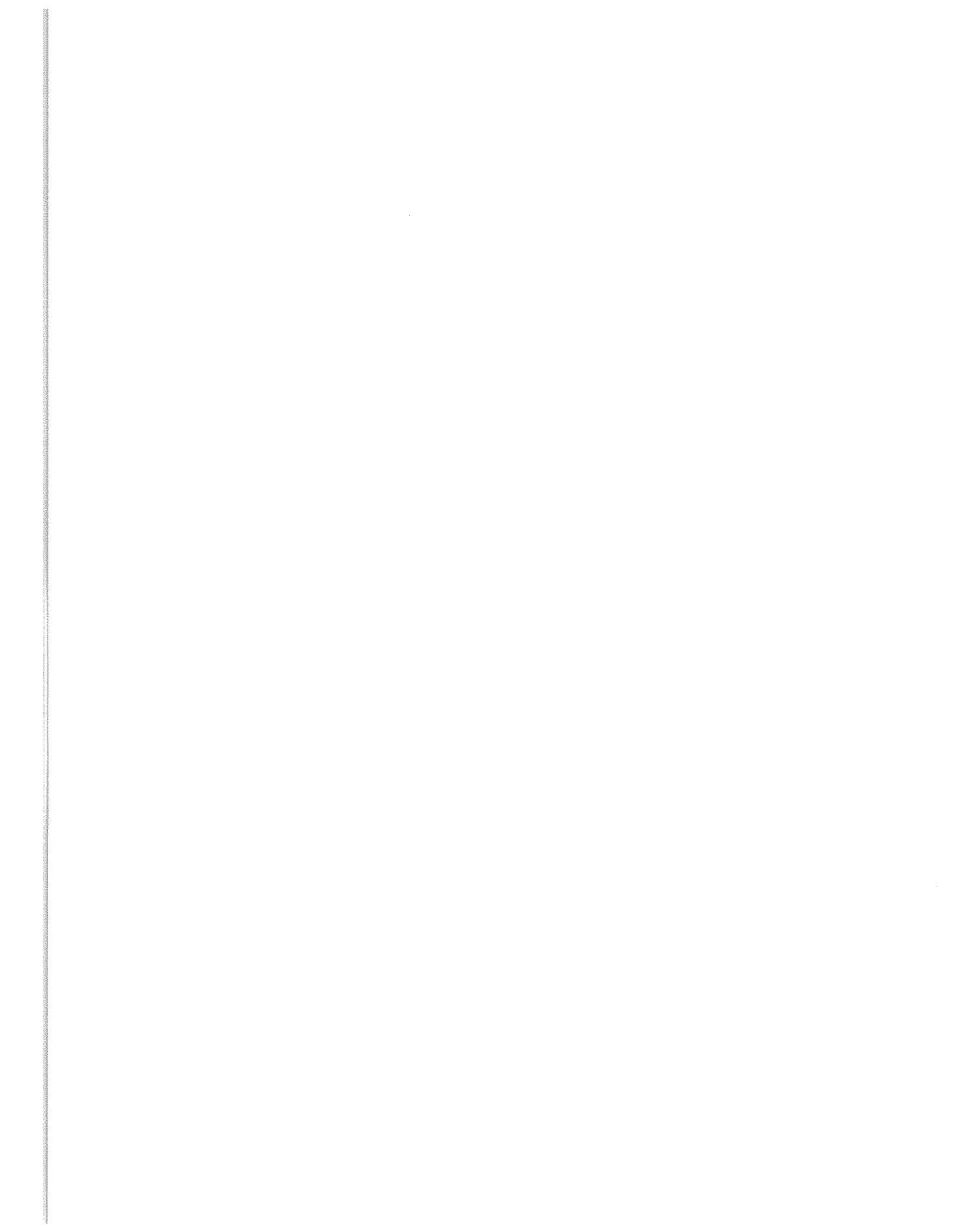
O surgimento da identidade ucraniana está associado aos cossacos que se instalaram nas bacias dos rios Dniepr, Donetz e Don. No século XVII, sensivelmente a partir de 1600, os cossacos zaporigianos (do Dniepr) formaram um “estado” conhecido como Sich Zaporigiano, onde já eram visíveis alguns princípios democráticos e que sobrevivia à custa de proventos de guerra extraídos aos espaços polaco, russo e turco. São as narrativas destes cossacos que marcam o início das histórias gerais ucranianas, que conheceram as suas primeiras edições nos finais do séc. XVIII e que atribuem a decadência verificada no séc. XIX à inclusão da região no Império Russo. Estas histórias, ao descreverem uma entidade política distinta para a região ucraniana, atacam o principal argumento da posição histórica da Rússia imperial que não distingue a antiga região do Principado de Kiev do seu próprio passado.



Fig. 1 – Territórios anexados à Ucrânia pela Rússia

Fonte: (<http://russianuniverse.org>)

A expansão do Império Russo para o Mar Negro, durante os séculos XVII e XVIII, levou à integração de grande parte do território da atual Ucrânia na administração de Moscovo, com a exceção da Galícia-Volínia (zona ucraniana mais ocidental), incluindo os territórios praticamente desertos do sul da Ucrânia, conhecidos como Nova Rússia. A Crimeia



continuou a ser um canato tártaro independente, governado por uma elite minoritária mongol até 1783, altura em que também passou a integrar o Império Russo. Durante a Primeira Guerra Mundial, o espaço que hoje é a Ucrânia esteve alternadamente em mãos austríacas, alemãs e russas. Na sequência da Revolução de 1917, a Rússia retira-se da guerra. Ganhou, então, força uma elite ucranófila, refugiada em Viena, que preconizava uma Ucrânia autónoma dentro do império Austro-Húngaro. Assistiu-se a uma série de declarações de independência na Ucrânia ocidental, num quadro alargado de conflitos associados à Guerra Civil Russa que conduziu ao estabelecimento da República Soviética Socialista da Ucrânia (RSSU), em 1922. Em 1954, durante a celebração do 300º aniversário da reunificação das três Rússias, a Crimeia passou para o espaço de jurisdição ucraniano, por cedência russa. Kharkiv, a segunda cidade mais populosa da Ucrânia foi a primeira capital da RSSU. Em 1935, a capital passou a ser Kiev.

A Ucrânia é o segundo país com maior dimensão territorial na Europa, pelo que pode ser considerado de grande dimensão espacial, tendo uma área total de 603.000 Km<sup>2</sup> (Crimeia incluída). A organização interna da Ucrânia compreende 27 entidades: a República Autónoma da Crimeia; 24 regiões e as cidades de Kiev e de Sebastopol que têm um estatuto especial. As 24 regiões (*oblast*) têm uma capital administrativa que dá o nome à região e são subdivididas em distritos (*raion*), incluindo o da própria cidade, formando o segundo nível de organização interna. O terceiro nível é composto por agrupamentos urbanos e concelhos rurais (*silradas*). Dois terços da população ucraniana vive em áreas urbanas, sendo que três cidades têm mais de um milhão de habitantes (Kiev, Kharkiv e Odessa). A Ucrânia vive uma crise demográfica acentuada, com crescimento populacional negativo desde 1997. Este crescimento negativo deve-se mais à redução da taxa de natalidade do que a outros fatores, nomeadamente a emigração. Dentro das fronteiras legais do Estado ucraniano existem duas entidades com características antagónicas com relevância para a presente crise: no oeste e no norte concentram-se os ucranofalantes (ucranófonos), ao passo que no sul e no leste se situa a maioria de russofalantes (russófonos). Esta divisão é, frequentemente, artificial, uma vez que assenta no idioma falado no dia-a-dia (associado ao contexto de trabalho), que pode não corresponder à origem geográfica do indivíduo ou da família (considerando toda a Ucrânia e a Rússia). A única região administrativa em que os russos são, verdadeiramente, uma maioria em relação a qualquer outro grupo é a Crimeia. Há, no entanto, no Leste, uma quantidade significativa de municípios de maioria russa, inseridos em regiões administrativas mais vastas, estas de maioria ucraniana.





Fig. 2 – Mapa político da Ucrânia  
**Fonte:** (www.guiageo-europa.com)

A Ucrânia faz fronteira com sete Estados, a saber: Rússia, Bielorrússia, Polónia, Eslováquia, Hungria, Roménia e Moldávia.

### ANTECEDENTES DA CRISE

A Ucrânia independente tem sofrido graves crises políticas que denotam as suas tensões internas. Há os que defendem uma aproximação à União Europeia (UE), que por sua vez exige reformas democráticas e liberais que colidem com as tendências estatizantes e securitárias dos defensores da aproximação a Moscovo. O país oscila entre um e outro bloco, à medida que se sucedem eleições que vão sufragando individualidades defensoras de uma e outra orientação estratégica. Este quadro é também caracterizado por alterações sistemáticas à lei fundamental do Estado, conferindo maiores ou menores poderes ao presidente e ao parlamento. Especialmente fraturante é a questão da adesão da Ucrânia à OTAN, a qual foi iniciada em 2008 e suspensa em 2010, depois da eleição de Viktor Yanukovich. Em 2010 houve eleições presidenciais e Viktor Yushchenko<sup>1</sup> foi

<sup>1</sup> Foi o líder da Revolução Laranja que o conduziu ao poder após as eleições presidenciais de 26 de dezembro 2004. O seu adversário nas foi Viktor Yanukovich. Durante a campanha eleitoral, Yushchenko



estrandosamente afastado, tendo obtido apenas 5% dos votos. Os dois candidatos mais votados foram Viktor Yanukovych, com 35% e Yulia Tymoshenko<sup>2</sup>, com 25%. Como nenhum teve maioria, foram convocadas novas eleições para 7 de fevereiro de 2010. A segunda volta mostrou claramente a divisão regional do país: a diferença foi mínima (48,95% para Yanukovych e 45,7% para Tymoshenko). Os observadores internacionais detetaram irregularidades e a candidatura de Tymoshenko também as denunciou. Tymoshenko permaneceu primeira-ministra e o seu bloco não compareceu à tomada de posse do presidente Yanukovych. Logo na primeira semana funções de Yanukovych, o governo de Tymoshenko foi alvo do voto de desconfiança do presidente sendo afastada. Assumiu o cargo de primeiro-Ministro Mykaila Azarov, do Partido das Regiões. Os poderes do presidente foram reforçados por decisão do Tribunal Constitucional. Em 2011, a ex-primeira-ministra Tymoshenko foi acusada de abuso de poder, relacionado com o acordo sobre o gás natural de 2009 com a Rússia, sendo condenada a 7 anos de prisão. Yuriy Lutsenko, o seu Ministro do Interior, foi também condenado a 4 anos e preso. A opinião pública internacional considerou que o julgamento fora politicamente motivado e, no campeonato europeu de futebol de 2012, alguns países europeus boicotaram o evento, não tendo enviado representações oficiais de nível governamental, apesar de manterem as suas seleções nacionais na competição.

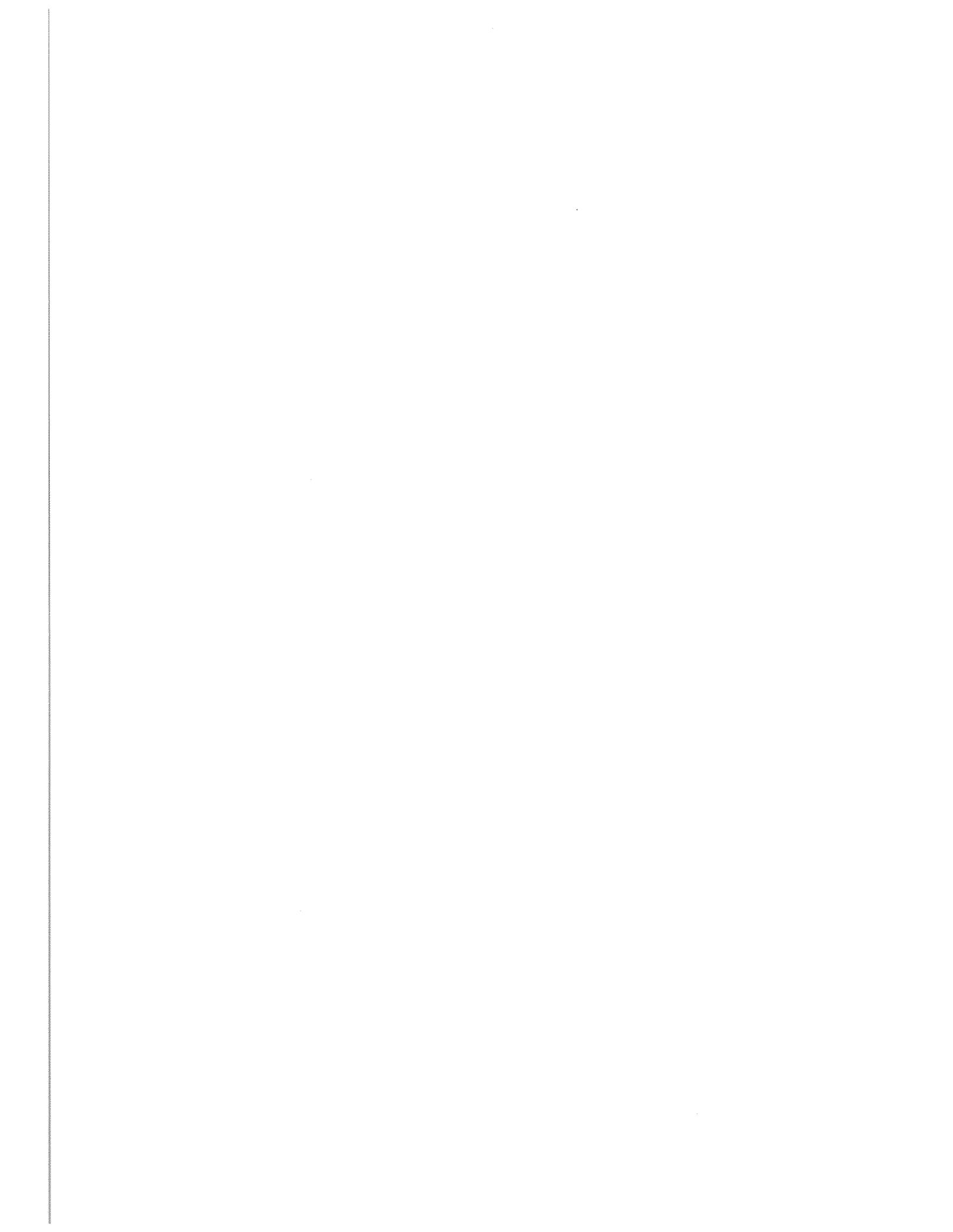
Em 2012 houve novas eleições parlamentares. O Partido das Regiões, de Azarov, assumiu-se como principal bloco isolado, obtendo 185 lugares em 450. A segunda força mais votada foi o Partido da Pátria, de Tymoshenko, que obteve 101 lugares. A Aliança Democrática para as Reformas da Ucrânia, de Vitali Klitshko (UDAR) obteve 40 lugares. Em protesto pela validade dos resultados, Tymoshenko iniciou uma greve de fome mas o Parlamento Europeu considerou a eleição como justa e a maioria dos partidos da oposição aceitou os resultados. Em dezembro de 2012, o primeiro-ministro Azarov formou um governo com o apoio dos Comunistas e de deputados independentes e, naquilo que foi considerado como uma tentativa de melhorar relações com a UE, em abril de 2013 Yanukovych indultou e libertou Lutsenko.

Em novembro de 2013 a trajetória pró-europeia foi bruscamente interrompida. A escassos dias de ser assinado um acordo de associação com a UE, Yanukovych recuou face a grande pressão de Moscovo. Fala-se de um encontro secreto em Moscovo entre Putin e Yanukovych no dia 9 de Novembro, anterior à assinatura desse acordo, prevista para 25 de novembro,

---

foi envenenado com TCDD, vulgarmente conhecida por dioxina de Seveso, deixando o seu rosto inchado e marcado.

<sup>2</sup> Também envolvida na Revolução Laranja.



por ocasião da Cimeira de Vilnius da União Europeia. Eclodiram protestos de rua em Kiev e Lutsenko, a par de Vitali Klitchko, emergiram como os principais líderes das manifestações da praça *Maidan* (Independência).

Os protestos inicialmente foram pacíficos, aumentando de agressividade com o passar das semanas. Yanukovych foi aumentando a violência para reprimir as manifestações tendo os media russos descrito os manifestantes da praça Maidan como fascistas instigados pelo Ocidente.



Fig. 3 – Protestos na Praça Maidan  
**Fonte:** (www.telegraph.co.uk)

## A ANEXAÇÃO DA CRIMEIA

Em janeiro de 2014 os protestos tornaram-se violentos e Yanukovych assinou uma série de leis destinadas a impedir o direito à manifestação. Esta circunstância levou dezenas de milhares de pessoas mais a saírem para as ruas em Kiev. A 22 de janeiro, morreram dois manifestantes e os protestos espalharam-se para as regiões a leste da Ucrânia, tradicionalmente apoiantes de Yanukovych. O parlamento anulou as leis anti-protesto e o primeiro-ministro Azarov resignou ao cargo. Em fevereiro, uma amnistia libertou centenas de manifestantes em troca da evacuação dos edifícios públicos, mas a oposição queria mais - limitar os poderes da presidência. A batalha nas ruas intensificou-se. Entre 18 e 20 de fevereiro as forças governamentais tentaram recuperar o controlo da praça Maidan. Relatos indicam que mais de 100 pessoas morreram em 48 horas devido aos confrontos da polícia com os manifestantes, com *snipers* colocados no topo dos edifícios a abrirem fogo sobre a



população.<sup>3</sup> Em várias cidades do ocidente da Ucrânia, a oposição ocupou edifícios governamentais. A 21 de fevereiro, a UE mediu um acordo entre Yanukovych e a oposição, que agendou eleições antecipadas e a formação de um Governo Interino de Unidade. O parlamento ressuscitou a Constituição de 2004, que reduzia o poder da presidência. Também foram aprovadas mudanças ao Código Penal que descriminalizaram Tymoshenko. Esta foi libertada e viajou para Kiev. Fez um discurso inflamado à população na praça Maidan e os manifestantes ocuparam os edifícios da Presidência (incluindo a residência do próprio Yanukovych). O deputado Oleksandr Turchynov, do Partido da Pátria, foi nomeado presidente em exercício numa decisão que Yanukovych denunciou como Golpe de Estado. Em 24 de Fevereiro, o Governo Interino acusou Yanukovych de assassinio em massa, ligando-o às mortes da Praça Maidan e emitiu um mandato de captura. O governo interino colocou o líder do Movimento da Pátria, Arseniy Yatsenyuk, como primeiro-ministro e foram convocadas eleições presidenciais antecipadas para maio de 2014. Yanukovych reapareceu a 28 de fevereiro em Rostov-na-Danu, na Rússia, a proferir um discurso desafiador, insistindo que ele continuava a ser o presidente legítimo da Ucrânia. Em 27 de fevereiro, separatistas pró-russos ocupam o seu primeiro edifício oficial na capital da Crimeia, Simferopol. A cada dia um novo edifício do governo e uma base militar são cercados e tomados pelos separatistas pró-russos apoiados pelos “pequenos homens verdes” (alegadas tropas russas disfarçadas).



Fig. 4 – Os pequenos homens verdes da Crimeia  
**Fonte:** (www.telegraph.co.uk)

A situação na Crimeia e no leste evoluiu muito rapidamente desde fevereiro e constitui a resposta imediata dos russófilos àquilo que consideram um Golpe de Estado. A nação ucraniana, dotada de soberania recente e em estado embrionário, encontra-se numa

---

<sup>3</sup> Ver <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/ukraine/11449122/Ukraine-crisis-timeline-of-major-events.html>, consultado em 07/03/15.



encruzilhada: ou integra o concerto dos povos da Europa Ocidental ou permanece umbilicalmente ligada ao povo russo, seguindo a sua tradição multissecular. Em 5 de março, os Estados Unidos (EUA) e a União Europeia (EU) anunciam sanções contra a Rússia pelas suas acções na Crimeia. A Rússia nega o seu envolvimento no apoio aos separatistas e as forças ucranianas estacionadas na Crimeia são incapazes de qualquer reacção face aos acontecimentos.

No dia seguinte, as autoproclamadas autoridades da Crimeia, apoiadas pelos mencionados homens anónimos de uniforme verde, equipados com armamento russo, realizaram um referendo para a secessão da Crimeia da Ucrânia. Alegadamente, 97% dos votantes desejam juntar-se à Rússia e Moscovo apressa-se a aceitar esta vontade da população da Crimeia.



Fig. 5: A anexação da Crimeia

Fonte: (graccusthink.blogspot.pt)

As forças militares russas movimentam-se para anexar a Crimeia. Em dezassete dias a Crimeia mudou de mãos no mapa político. Após a revolução popular de fevereiro e a anexação da Crimeia por parte da Rússia, a Ucrânia encontra-se debilitada financeira e economicamente<sup>4</sup>. A Crimeia representava cerca de 3% da economia ucraniana e a Rússia subiu o preço do gás cobrado à Ucrânia em 80%, o que originou uma contração da sua importação. Por outro lado, os preços do aço e do trigo (dois elementos chave nas exportações da Ucrânia) caíram. A 20 de março os EUA e a UE anunciam sanções financeiras

<sup>4</sup> Country Report – Ukraine, The Economist Intelligence Unit, consultado em 13 de maio de 2014.



contra individualidades próximas de Putin, em reação à anexação da Crimeia por Moscovo. Putin promete retirar a maior parte das tropas russas da fronteira com a Ucrânia mas não cumpre. Desde 18 de março de 2014, a Rússia incorporou a Crimeia e a cidade de Sebastopol na sua organização interna. Nem a Ucrânia nem a grande maioria da comunidade internacional reconhecem formalmente esta anexação.

## **A FRENTE LESTE E A PERSPETIVA RUSSA**

Em 7 de abril, separatistas ocuparam os edifícios governamentais nas cidades de Donetsk, Lugansk e Kharkiv, no leste da Ucrânia, apelando a um referendo sobre a independência destas três grandes regiões, e pedindo à Rússia para enviar “forças de paz” para os proteger. As autoridades ucranianas recuperaram o controlo dos edifícios em Kharkiv na sequência duma operação militar rápida. Contudo, as restantes regiões ficaram fora do seu controlo. A Ucrânia apelidou de terroristas os rebeldes do leste, considerando as ações das forças governamentais como operações de “antiterrorismo”. O rastilho no leste tinha sido aceso e a disputa entre a Rússia e a Ucrânia estava para durar.

Do ponto de vista geoestratégico e geopolítico, a explicação poderá estar no facto da Ucrânia funcionar como um estado tampão entre duas entidades geopolíticas adversas: o mundo ocidental e a Rússia, pretensamente emergente. Por outro lado, a intervenção russa na Ucrânia a partir de março de 2014 não deixou nenhum dos seus vizinhos indiferentes. À medida que o ocidente, colhido de surpresa pela sua audácia, reage para isolar a Rússia, especialmente depois da Cimeira da OTAN em Newport (País de Gales), aquela vai tentar escapar a esse cerco procurando alianças com a China, com o Irão e até mesmo com a Turquia. Estas alterações poderão conduzir a uma alteração radical da estrutura do poder mundial. O desenlace da crise ucraniana assume-se, assim, como um teste à capacidade da Rússia para alterar a estrutura de poder regional com possíveis consequências globais. Contrastando com o entendimento soviético sobre a Geopolítica, que era vista como uma ciência burguesa<sup>5</sup>, a Rússia recuperou os seus pressupostos para reclamar para si uma postura de fiel da balança entre os EUA e a China. A nova doutrina, designada neo-eurasianismo, foi desenvolvida a partir do renascimento das teses do nacional bolchevismo de final do século XIX. Defende-se um reforço do Estado russo e um alargamento da sua área de influência independente do Ocidente e da China. Com a sua implementação, a Rússia pretende reparar aquilo que o seu presidente considerou como a maior tragédia geopolítica

---

<sup>5</sup> Karaganov, Sergey (2013), *The Map of the World: Geopolitics Stages a Comeback, Russia in Global Affairs*, disponível online em <http://eng.globalaffairs.ru/pubcol/The-Map-of-the-World-Geopolitics-Stages-a-Comeback-15974>, consultado em 30 de dezembro de 2014.

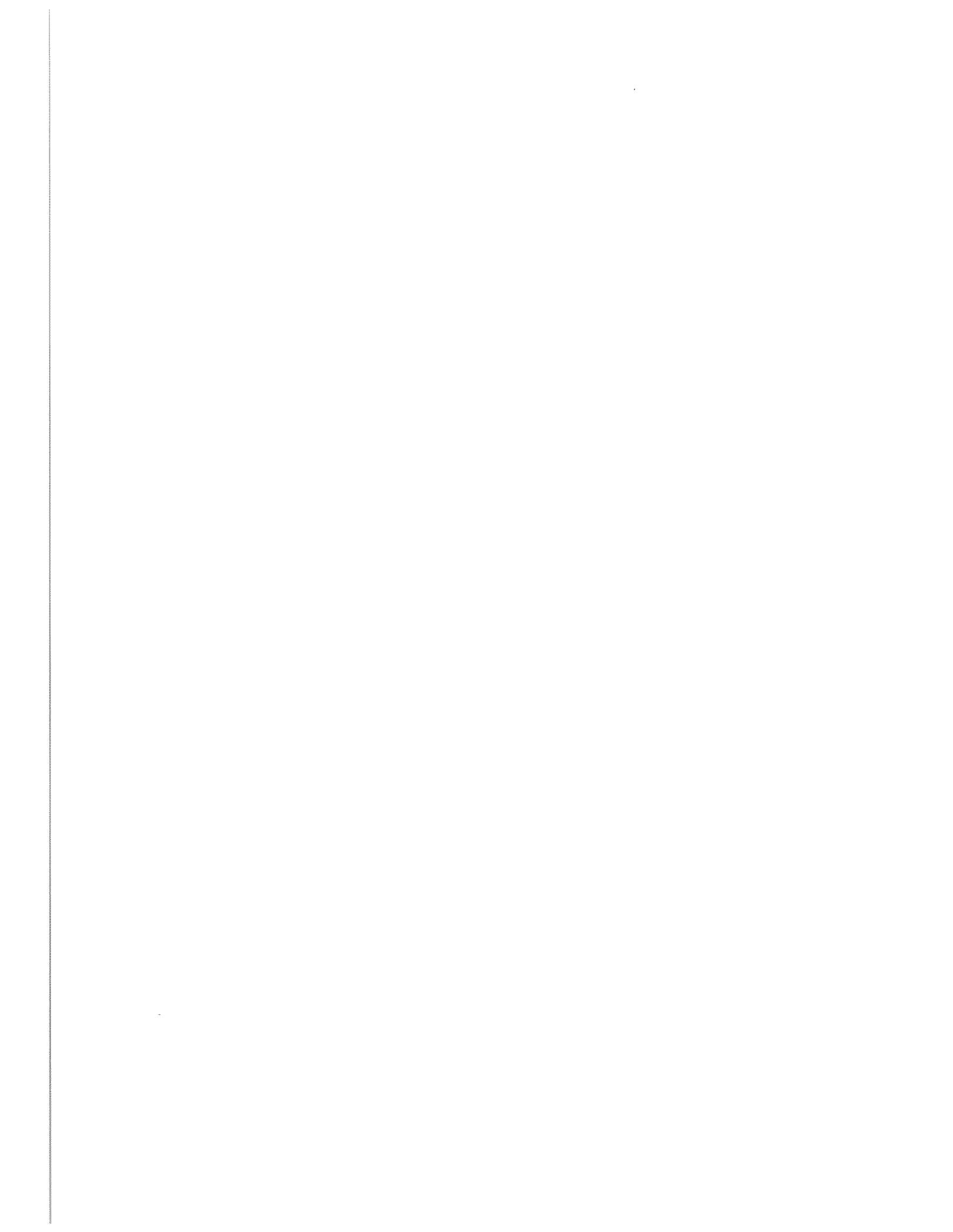


do século XX: o colapso da União Soviética<sup>6</sup>. Para alcançar esse desiderato, o enfoque principal está no “estrangeiro próximo”, o antigo espaço soviético fora da Rússia, concetualizado como uma esfera de influência de Moscovo. A Rússia apresenta-se como mediadora e facilitadora de um conflito com base identitária que coloca em causa a independência de uma antiga república soviética, exigindo como contrapartida que o novo estado se junte às organizações internacionais de inspiração russa. Do ponto de vista do potencial, a Ucrânia tem todos os atributos para alcançar o estatuto de uma média potência. No entanto, um exame mais crítico destaca a dificuldade de um espaço disputado por dois polos de poder em se afirmar como zona de amortecimento do qual resulta a imagem do grande corpo doente em que se transformou a Ucrânia contemporânea. Na área definida como Sul da Eurásia encontram-se mais três pivôs geopolíticos: Azerbaijão, Irão e Turquia. A Rússia melhorou significativamente as suas relações com o Azerbaijão, atuando como mediador no conflito do Nagorno-Karabakh, ainda que o espectro de uma nova guerra subsista. Assim, esta área também deve ser analisada sob a perspectiva de um ressurgimento da Rússia, podendo os acontecimentos aí verificados ter consequências na Ucrânia. A Rússia segue o padrão de intervenção na sua esfera de influência, conduta típica desde a segunda guerra mundial, com a mencionada exceção dos anos de 1988 a 1991. Desde 1992, com a intervenção na Moldávia, onde foi criada uma república separatista, a Transnístria, governada de facto por russos, que a Rússia tenta inverter a derrocada provocada pelo colapso do regime comunista. A existência de imensa população de origem russa nas antigas repúblicas soviéticas representa um forte apelo para a intervenção, especialmente devido à crise demográfica russa.

A 15 de abril, passada uma semana dos primeiros incidentes, deu-se o início das operações militares ucranianas contra os separatistas pró-russos em Lugansk e Donetsk. A UE ameaçou Moscovo com mais sanções devido ao seu apoio às milícias pró-russas. Dois dias depois, Putin apresentou o seu conceito da “Novorossyia”, na tentativa de recordar o racional histórico para a agressão da Rússia no leste da Ucrânia. Assim, depois da Moldávia, Geórgia e Tadjiquistão, nos anos 90, das duas guerras da Chechénia e da Guerra da Geórgia de 2008, a Rússia interveio militarmente na Ucrânia em 2014, anexando a Crimeia e apoiando as operações militares separatistas no leste do país, mesmo negando o seu envolvimento. Esta intervenção armada foi precipitada pela perceção, na esfera de decisão mais elevada, que a Ucrânia poderia juntar-se definitivamente ao Ocidente, através da assinatura do Pacto de Associação Económica com a União Europeia e da eventual adesão à

---

<sup>6</sup> Putin, Vladimir (2005), *Annual Address to the Federal Assembly of the Russian Federation*, disponível online em [http://archive.kremlin.ru/eng/text/speeches/2005/04/25/2031\\_type70029type82912\\_87086.shtml](http://archive.kremlin.ru/eng/text/speeches/2005/04/25/2031_type70029type82912_87086.shtml), consultado em 30 de dezembro de 2014.



OTAN, negada pelo presidente Yanukovich mas assumida pelo governo provisório, entretanto no poder. A utilização do instrumento militar foi o último recurso, uma vez que todos os outros usados até então pela Rússia não impediram a tomada do poder por forças pró-ocidentais. Além da pressão política exercida pelo Partido das Regiões, desde que foi criado em 1997 por cidadãos ucranianos de etnia ou simpatia russa e com forte implantação no Vale do Rio Don (Donbass), a Rússia utilizou a energia e uma forte campanha de informação como armas para tentar mudar o curso dos acontecimentos em Kiev. A imagem que Moscovo tem da Ucrânia é demonstrada com a frase atribuída a Putin que alegadamente terá dito ao presidente americano George Bush, durante a Cimeira da OTAN em Bucareste, em abril de 2008: *“Você não compreende, George, que a Ucrânia nem sequer é um Estado. O que é a Ucrânia? Parte do seu território está na Europa de Leste, mas a maior parte foi uma oferta nossa”*<sup>7</sup>.

## **O NOVO PRESIDENTE UCRANIANO E O AUMENTO DA ESCALADA NO LESTE**

Em 24 de abril, como resposta às “operações antiterroristas” de Kiev, a Rússia iniciou exercícios militares próximo da fronteira com a Ucrânia. Os EUA enviaram 600 militares para a Polónia e países bálticos como um gesto de confiança aos aliados da OTAN que serão defendidos contra incursões similares da Rússia.

O russo Igor Girkin, *alias* Ivan Strelkov (“O Atirador”), militar ligado às informações, assumiu a liderança das milícias da proclamada República Popular de Donetsk. No final de abril, o Fundo Monetário Internacional (FMI) aprovou um empréstimo avultado à Ucrânia, 17 mil milhões de dólares, para estabilizar as finanças públicas do país. Contudo, uma das partes controversas do acordo com o FMI é que parte do empréstimo pode ser usado para pagar a dívida de gás ucraniana à Rússia.

Em 2 de maio, surgiram confrontos em Odessa (muito longe dos enclaves de Donbass) entre uma minoria pró-russa e a maioria que pretende a situação vigente, provocando pelo menos 42 mortos<sup>8</sup>. Em 11 de maio foi realizado um referendo nas regiões de Donetsk e Lugansk, os quais não foram reconhecidos por Kiev e pelo Ocidente. No entanto, estas regiões declararam independência.

---

<sup>7</sup>Tradução do inglês de uma frase atribuída a Putin pelo jornal russo Kommersant (<http://www.kommersant.ru/doc/877224>) que consta de um artigo intitulado *“Putin to the West: Hands off Ukraine”* na Revista Time da autoria de James Marson (Cf. <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1900838,00.html>), consultado em 4 de janeiro de 2015.

<sup>8</sup> Consultado em 07/03/2015 no endereço: <http://www.fpri.org/geopoliticus/2015/02/ukraine-crisis-timeline-january-30-2015>



Tal como tinha sido prometido em fevereiro, foram realizadas eleições na Ucrânia. Petro Poroshenko obteve uma vitória com 54.70% dos votos na primeira volta das eleições presidenciais do dia 25 de maio, tendo tomado posse a 7 de junho seguinte. Entre a deposição de Yanukovich e a tomada de posse de Poroshenko o cargo foi desempenhado interinamente por Oleksandr Turchynov, em acumulação com o cargo de presidente do parlamento ucraniano. O novo presidente, o quinto da história ucraniana, já desempenhou outros cargos governativos como o de chefe do Conselho de Segurança da Ucrânia (2005), ministro dos negócios estrangeiros (2009-10) durante a presidência de Viktor Yushchenko e, ainda, como ministro do desenvolvimento económico e do comércio (2012) durante o mandato do deposto presidente Viktor Yanukovich. Poroshenko é um dos homens mais ricos da Ucrânia, com uma fortuna estimada em 1,6 mil milhões de dólares, especialmente concentrados na sua *holding Ukrprominvest* que gere uma série de áreas de negócio, com especial destaque para a confeitaria. O seu programa eleitoral centrou-se no desenvolvimento de ligações mais intensas com a União Europeia e no restabelecimento da paz na região do leste do país afetada pelo conflito armado.

No dia seguinte, Putin afirmou que iria respeitar os resultados das eleições ucranianas. Em finais de maio e princípios de junho, as milícias pró-russas desencadearam diversas operações com vista a conquistar o aeroporto de Donetsk e consolidar a sua posição nas regiões de Donetsk e Lugansk. Conquistaram duas bases militares ucranianas nas regiões fronteiriças do leste de Lugansk e travaram combates na cidade de Sloviansk. Estes confrontos saldaram-se em pesadas baixas para ambos os lados. O aparecimento de armamentos e “voluntários” russos constituiu uma forte evidência de participação da Rússia, apesar de Moscovo ter negado o seu envolvimento. No início de junho, a Rússia e a Ucrânia chegaram a um entendimento para a implementação de um cessar-fogo e de um plano de paz para o leste. Mas, a 12 de junho, os ucranianos afirmaram que três carros de combate e outro armamento russos tinham entrado nas áreas rebeldes do leste, negando os russos tais alegações. No dia 16, as milícias pró-russas abateram um avião de transporte militar matando 49 militares ucranianos. Esta ação provou a existência de armamento sofisticado nas mãos dos rebeldes do leste. Revoltados, manifestantes em Kiev atacaram a embaixada da Rússia e, em resposta, a Rússia cortou todos os abastecimentos de gás à Ucrânia. Em 23 de junho, Poroshenko declarou um cessar-fogo temporário com base na oferta russa de negociações, para uma solução política pacífica, entre os separatistas e o governo de Kiev. As milícias do leste aceitam oficialmente esse cessar-fogo um dia depois e Putin prescinde de usar militares russos no leste da Ucrânia como um gesto de boa vontade e compromisso com uma solução pacífica. Nove militares ucranianos morreram nesse dia, na sequência do abate, por parte dos rebeldes, de um helicóptero do exército.



## AS FORÇAS UCRANIANAS TENTAM CONTROLAR O LESTE

A UE assinou um acordo de associação com a Ucrânia, Geórgia e Moldávia, em 27 de junho. No final do mês, foram libertados, pelas milícias do leste, oito membros da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE) que estavam detidos desde o final de maio. Porém, as constantes violações do cessar-fogo e as numerosas baixas ucranianas, com o consequente fortalecimento das posições dos rebeldes, levaram Poroshenko a acabar unilateralmente com o cessar-fogo de 23 de junho.



Fig. 6 - Destroços do avião da *Malaysia Airlines*

**Fonte:** ([www.telegraph.co.uk](http://www.telegraph.co.uk))

Em 5 de julho os rebeldes foram empurrados para fora de Sloviansk. A bandeira ucraniana foi içada sobre o edifício da câmara municipal, uma atitude de manifesto otimismo na vitória das forças governamentais no leste da Ucrânia. As milícias pró-russas criticaram publicamente Putin pela “falta de apoio”. No dia 14, um avião militar ucraniano foi abatido a 21.000 pés de altura. O governo de Kiev afirmou que o míssil tinha vindo de território russo visto que os rebeldes pró-russos não era suposto terem armamento adequado para atingir o avião àquela altitude. O presidente americano Barack Obama avisou Putin da aplicação de mais sanções à Rússia, em virtude da continuação da violência no leste da Ucrânia, em face da evidência de que Moscovo se encontrava a alimentar esta escalada. Os olhos do mundo focaram a sua atenção na Ucrânia quando, no dia 17 de junho, o voo Nº17 da *Malaysia Airlines* caiu no leste da Ucrânia matando 298 civis, na sua maior parte cidadãos holandeses, mas também de outros países europeus e também da Austrália. O avião foi abatido por um sofisticado sistema míssil ar-terra BUK, fornecido pelos russos.



Note-se que as milícias pró-russas, inicialmente, vangloriaram-se de terem abatido um grande “avião militar ucraniano”. Mas, quando foi descoberto que se tratava de um avião civil, os rebeldes imediatamente acusaram Kiev pelo abate. Até porque o sistema míssil BUK existia no arsenal das forças ucranianas. Moscovo negou qualquer envolvimento nesta ação.

## *BUK MISSILE SYSTEM*

*Weapon designed to target aircraft,  
cruise missiles and drones*

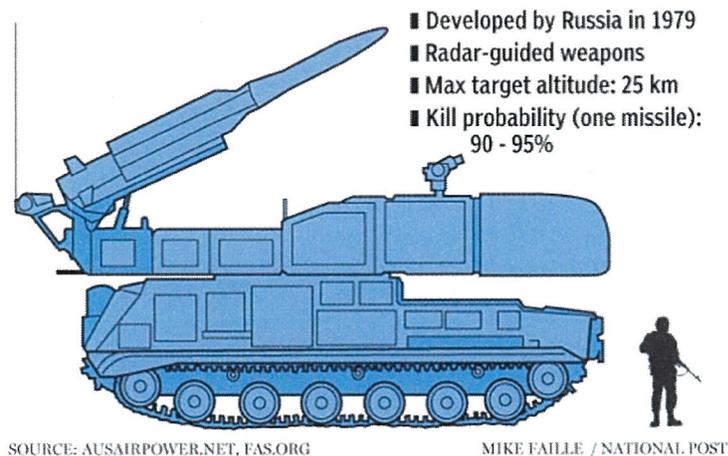


Fig. 7 - Sistema BUK

**Fonte:** (news.nationalpost.com)

Na semana seguinte, a UE anunciou planos para mais e mais severas sanções económicas, tendo por alvo os bancos estatais russos e os setores da energia e da defesa russos. As forças do governo ucraniano retomaram a sua ofensiva no leste sobre Donetsk e Lugansk mas à custa de centenas de vítimas civis. Em 28 de julho, o Departamento de Estado norte-americano divulgou fotografias que parecem mostrar, claramente, ataques da artilharia russa à Ucrânia, numa prova inequívoca do envolvimento de Moscovo. A Rússia prontamente negou a autenticidade das fotografias. No final de julho, cerca de 1200 pessoas foram mortas e houve aproximadamente 3500 feridos no leste da Ucrânia desde o início do movimento separatista, em abril. Mais de 140 000 refugiados ucranianos fugiram para a Rússia, e contam-se mais de 100 000 deslocados.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Consultado em 07/03/2015 no endereço: <http://www.fpri.org/geopoliticus/2015/02/ukraine-crisis-timeline-january-30-2015>





Fig. 8 - Aeronaves abatidas no leste da Ucrânia

Fonte: (www.washingtonpost.com)

No início de agosto, as autoridades ucranianas previam derrotar as milícias do leste a curto prazo, apresentando provas da redução do território controlado pelos rebeldes pró-russos. Mas havia muitas reservas nesta confiança ucraniana. O porta-voz militar ucraniano anunciou que a Rússia “começou uma enorme concentração de viaturas blindadas, aviação, e pessoal junto à fronteira ucraniana” com mais de 45 000 soldados, 160 carros de combate,



1360 viaturas blindadas, 192 aviões de combate e 137 helicópteros militares prontos para avançarem através da fronteira ucraniana.<sup>10</sup>

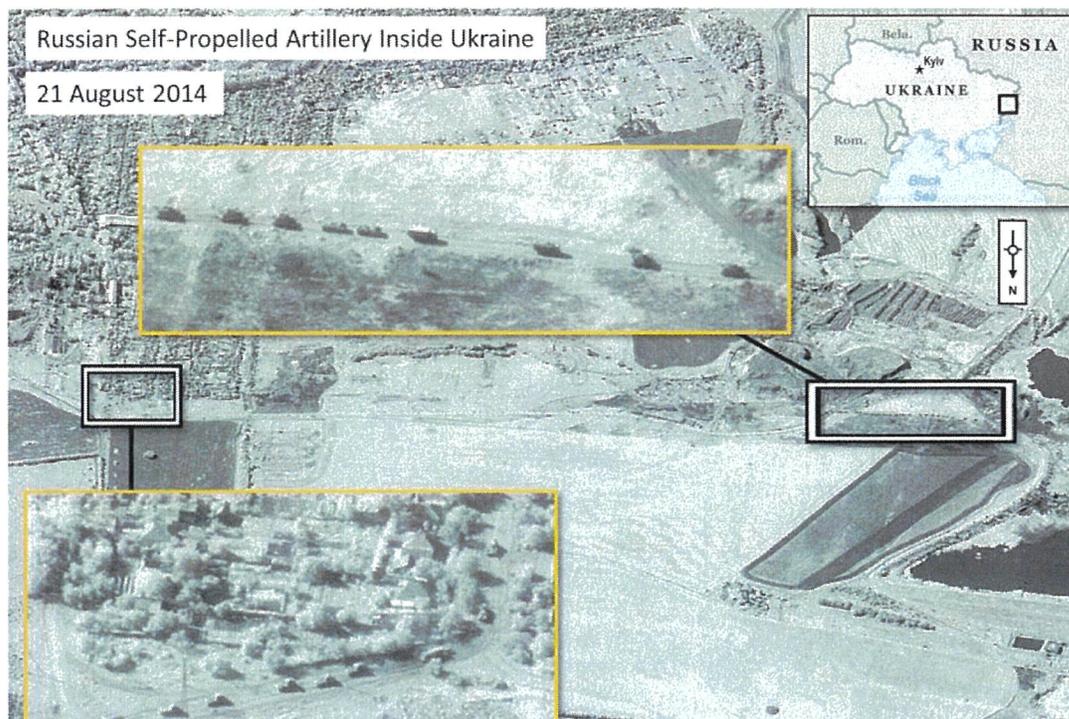


Fig. 9 - Imagens de satélite da alegada atividade da artilharia russa

**Fonte:** (www.abc.net.au)

Em resposta às sanções europeias, a Rússia lançou sanções retaliatórias contra o Ocidente, proibindo as importações de produtos alimentares da Europa e dos Estados Unidos. Em 9 de agosto o exército ucraniano cercou Donetsk, criando esperanças de sucesso e, na semana seguinte, o governo ucraniano reclamou ter destruído uma coluna militar russa que tinha atravessado para o leste da Ucrânia – o maior confronto direto, até à data, entre as forças militares ucranianas e russas. Putin continuou a negar a existência de colunas militares e tropas russas no leste da Ucrânia. Nos dias 22 e 23, uma coluna de 280 camiões<sup>11</sup> russos atravessou a fronteira de Lugansk para fornecer “ajuda humanitária” à região. Para o governo ucraniano tratou-se de uma invasão porque não foi pedida qualquer ajuda a Moscovo e foi evidente o movimento, alegadamente abastecimentos militares, a entrar na área controlada pelas milícias pró-russas. Os Estados Unidos e a Europa ameaçaram com sanções adicionais se a Rússia não parasse o apoio aos separatistas. A maior parte dos

<sup>10</sup> Ver <http://www.fpri.org/geopoliticus/2015/02/ukraine-crisis-timeline-january-30-2015>, consultado em 7 de março de 2015.

<sup>11</sup> Idem.



camhões russos regressaram à Rússia, mas só depois de fazerem a descarga de substanciais abastecimentos em território ucraniano.



Fig. 10 - A coluna humanitária russa entra na Ucrânia

**Fonte:** (www.titanherald.com)

Em 25 de agosto, Poroshenko dissolveu o parlamento e convocou eleições parlamentares, a realizar em outubro. Entretanto, a Rússia aumentou as suas operações contra a Ucrânia, lançando uma nova ofensiva em Novoazovsk, sudeste da Ucrânia, abrindo assim uma segunda frente para criar uma ponte terrestre entre a fronteira russo-ucraniana e a Crimeia. No dia seguinte, Putin e Poroshenko encontraram-se em Minsk para discutir a reconciliação e acertaram um “roadmap” que preconizava um cessar-fogo e o fecho da fronteira russo-ucraniana para evitar o movimento de soldados e equipamento militar para a Ucrânia. Contudo o cessar-fogo não foi respeitado.

No seguimento do aumento da atividade russa no leste da Ucrânia, o primeiro-ministro Arseniy Yatseniuk anunciou a opção de a Ucrânia se tornar membro da OTAN. Esta organização divulgou imagens de satélite que pareciam mostrar soldados russos, artilharia e viaturas blindadas a participar nas operações militares no leste da Ucrânia. Como a tensão cresceu na região, a OTAN divulgou que iria formar uma força de 4000 militares, pronta para entrar em acção em 48 horas, em resposta a qualquer agressão russa à Ucrânia. No início de setembro, Putin ironiza, em privado, que podia tomar Kiev em duas semanas se o desejasse, mas reúne-se com Poroshenko, em Minsk, na Bielorrússia, sendo alcançado um acordo de cessar-fogo. Os pontos acordados incluíam uma maior descentralização do poder de Kiev no leste, monitorização pela OSCE da fronteira russo-ucraniana, a libertação de todos os prisioneiros e medidas para melhorar a situação humanitária em Donbass. Em 6



de setembro, apenas um dia depois dos acordos de Minsk, o bombardeamento de Mariupol começou. Esta é uma cidade portuária chave no sudeste da Ucrânia que foi previamente limpa de separatistas pelos mineiros ucranianos locais. Os combates também continuaram em Donetsk e Lugansk, apesar do cessar-fogo acordado em Minsk. No dia 18, Poroshenko discursou perante o congresso americano procurando apoio para a Ucrânia. O presidente Obama prometeu um pacote de 53 milhões de dólares, dos quais, 46 milhões seriam em ajuda militar e 7 milhões em ajuda humanitária. Para reforçar a ofensiva sobre Lugansk, o exército ucraniano retirou forças da fronteira criando uma vulnerabilidade no seu dispositivo. Em simultâneo, a 51ª Brigada Mecanizada, a 93ª Brigada mecanizada e o Batalhão de Voluntários de Azov atacaram Donetsk, com a finalidade de controlar toda a região.

### **AS ELEIÇÕES EM KIEV E A CONTRA-OFENSIVA DAS MILÍCIAS PRÓ-RUSSAS**

Em outubro, Putin ordenou que 17 600 militares russos, estacionados na região de Rostov perto da fronteira com a Ucrânia, regressassem às suas bases. Putin mostrou frequentes vezes sinais de baixar a escalada na Ucrânia exatamente antes de intensificar a agressão, como afirmava a opinião pública ocidental. No dia 26 de outubro, a Ucrânia realizou eleições parlamentares nas quais os ucranianos votaram esmagadoramente nos partidos pró-ocidentais: o Bloco do presidente Poroshenko e a Frente Popular do primeiro-ministro Arseniy Yatseniuk obtiveram 21,8% e 22,1% respetivamente. Os outros partidos pró-ocidentais foram o Autoajuda com 10,97%, o Partido Radical com 6,36% e o Pátria (liderado por Yulia Tymoshenko) com 5,68%. O total de lugares na coligação do novo governo foi 303 (de 450). O Bloco da Oposição (remanescente do partido de Yanukovych) obteve 9,43%. O total de lugares na oposição, incluindo independentes, foi de 79.

No final do mês, a Ucrânia e a Rússia chegaram a um acordo sobre a distribuição do gás. Novembro iniciou-se com a realização de eleições no leste da Ucrânia, pelos separatistas pró-russos, obviamente com o intuito de as realizarem imediatamente após as eleições parlamentares de Kiev. Kiev e o Ocidente recusaram reconhecer estas eleições.

Parecia haver provas concludentes que a Rússia tinha enviado uma coluna de 32 carros de combate, 16 peças de artilharia pesada, e 30 camiões transportando combatentes e abastecimentos para a região de Lugansk, tal como o Ocidente não se cansava de reclamar. Em 15 de novembro, quase um ano após o início das manifestações na praça Maidan, Putin encontrou-se com os outros líderes mundiais na conferência do G-20, na Austrália, onde recebeu muitas críticas provocando o seu abandono antecipado dessa reunião. No final do mês, a Rússia enviou outra coluna humanitária para o leste da Ucrânia apesar dos protestos ucranianos. Estes acusavam que a ajuda humanitária era um pretexto para mais assistência



militar às milícias pró-russas. Esta foi a oitava coluna humanitária que a Rússia enviou para o leste da Ucrânia. Em 4 de dezembro, Putin no seu discurso anual do estado da nação, responsabilizou a Ucrânia e o Ocidente por aquilo que se estava a passar na Ucrânia. Dizia Putin que, a Ucrânia errou na expulsão “ilegal” de Yanukovich e o Ocidente apoia as “fações de extrema-direita” que controlam o governo ucraniano. Ele chamou às sanções ocidentais um esquema para afastar a Rússia de alcançar o seu estatuto de grande potência.

Após um hiato de seis meses, a Rússia retomou o abastecimento de gás à Ucrânia no dia 8 de dezembro. No dia 24, a Ucrânia pagou à Rússia 1,65 mil milhões de dólares como acordado no contrato do gás assinado em outubro.

Em Odessa, uma linha de caminho-de-ferro foi destruída por uma bomba. Esta ação não ficou por aí e em 4 de janeiro de 2015, uma explosão destruiu a porta e as janelas do Centro de Coordenação *Euromaidan*. Entidades oficiais ucranianas chamaram ao incidente um ataque terrorista. Este ataque foi apenas um de cinco ataques similares em Odessa no final de 2014. Em 26 de dezembro as milícias pró-russas e a Ucrânia trocaram centenas de prisioneiros de guerra. A terminar o ano, a Ucrânia assinou um projeto lei que deixava cair o seu estatuto de não-alinhado. Moscovo entendeu esta movimentação como uma ameaça para a sua segurança nacional.

### **UM ESFORÇO PARA A RESOLUÇÃO DA CRISE**

Em 5 de janeiro de 2015, o presidente francês François Hollande sugeriu que as sanções internacionais deveriam ser reduzidas. No entanto cabia à Rússia fazer progressos para zelar pela paz no leste da Ucrânia. No dia 11, as milícias pró-russas desencadearam uma nova ofensiva, concentrando um enorme potencial na área em redor do aeroporto de Donetsk. No dia 13, um foguete que se acredita tenha sido disparado pelas milícias, atingiu um autocarro em Volnovakha, no sul de Donetsk, matando 13 civis. Passados 11 dias, após o poderoso assalto das milícias pró-russas, as forças ucranianas retiraram do aeroporto de Donetsk, que tinha servido como base de operações desde setembro de 2014, devido ao seu caráter simbólico e valor estratégico.

No dia 23 Alexander Zakharchenko, chefe da República Popular de Donetsk, anunciou que as forças pró-russas rejeitavam todas as formas de cessar-fogo. No dia seguinte, foguetes dos sistemas *BM-21 Grad* e *BM-27 Uragan*, alegadamente disparados pelos separatistas, mataram 30 civis e feriram outros 100, em Mariupol. Este tipo de ações fazia aumentar as evidências de intervenção militar direta da Rússia.

A 27 de janeiro, o parlamento ucraniano rotulou formalmente a Rússia como um Estado agressor e as Repúblicas Populares de Donetsk e Lugansk como organizações terroristas. O ministro dos negócios estrangeiros russo Sergei Lavrov declarou que a Ucrânia deveria



permanecer neutral por forma a evitar mais divisões territoriais. Em 31 de janeiro, as conversações de paz do grupo de contato (representantes dos rebeldes, Ucrânia, Rússia e OSCE), em Minsk, terminaram sem qualquer resultado para pôr fim ao conflito. Logo em fevereiro, o secretário de estado norte-americano, John Kerry, viajou para Kiev para conversações com o governo ucraniano acerca da forma de apoio dos EUA à Ucrânia. O apoio militar em equipamentos foi uma questão muito sensível. No dia 12 os líderes da Ucrânia, Rússia, Alemanha e França juntaram-se, em Minsk, e concordaram num compromisso para acabar com os combates no leste da Ucrânia.



Fig. 11 - Conversações de Minsk de 12 de fevereiro de 2015

**Fonte:** (www.telegraph.co.uk)

Longe das conversações de Minsk, as forças ucranianas e as milícias separatistas travavam intensos combates pelo controlo do nó ferroviário de Debaltseve, localizado entre Donetsk e Lugansk. O líder da República Popular de Donetsk, Alexander Zakhartshenko, foi ferido nos confrontos. Em 18 de fevereiro as forças ucranianas estavam cercadas pelas milícias. A extração das forças ucranianas foi acordada com os rebeldes, mas acarretou a retirada de equipamento pesado da frente leste. As negociações pretendiam incluir todas as armas pesadas de todos os contendores.



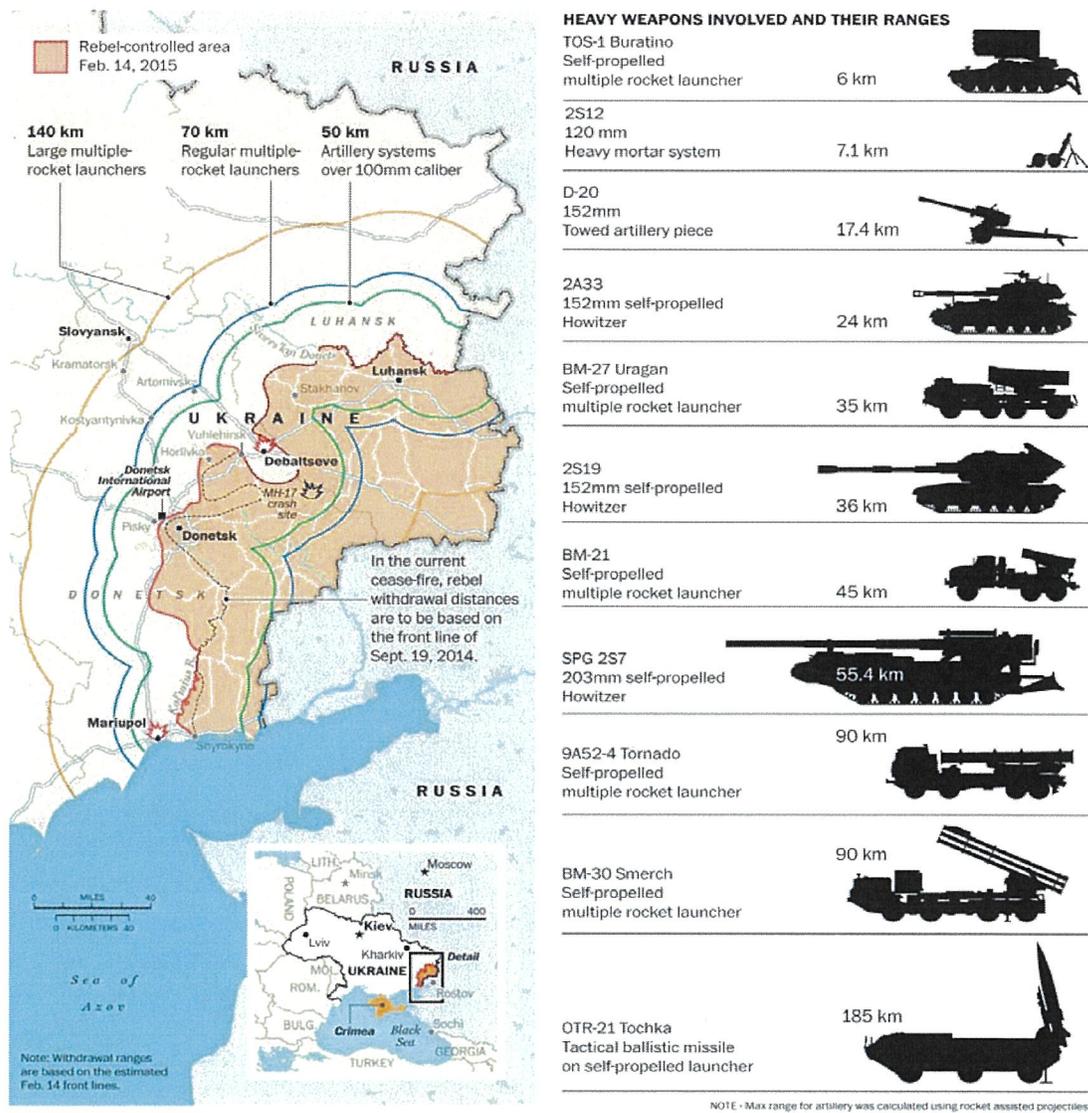


Fig. 12 - Armas pesadas envolvidas nos combates do leste da Ucrânia  
**Fonte:** (www.washingtonpost.com)

Em 2 de março o gabinete dos direitos humanos das Nações Unidas<sup>12</sup> fez um balanço sobre as vítimas da guerra no leste da Ucrânia. Desde abril de 2014, o número de mortos no conflito ronda os 6.000. O relatório também indica um quantitativo de 14 470 feridos. Estes números resultam de combates intensos e bombardeamentos massivos de áreas residenciais. Apesar dos sucessivos cessares-fogo o saldo é demasiado pesado. Estimam-se mais de meio milhão os deslocados devido à continuação do conflito.

<sup>12</sup> Ver <http://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=15627>, consultado em 12 de março de 2015.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No seguimento da anexação da Crimeia pela Rússia, abriu-se uma nova frente no leste da Ucrânia, nas regiões de Donetsk e Lugansk. As forças governamentais ucranianas procuraram controlar a revolta e travaram combates com as milícias pró-russas do leste. As forças ucranianas estão a lidar com uma nova metodologia de atuação das forças russas, decorrente da implementação da doutrina “Gerasimov” do general Valery Gerasimov, chefe do estado-maior das forças armadas russas. A campanha da Crimeia (e depois as ações em Donetsk e Lugansk) foi uma demonstração estratégica que apresentou muitas semelhanças com as intervenções na Ossétia do Sul e Abkhazia em 2008, e reflectiu as novas orientações nas forças armadas russas que se prevê venham a ser implementadas até 2020. Na verdade, o moral das forças ucranianas desmoronou-se e as suas unidades na Crimeia renderam-se sem que tenha sido disparado um único tiro. Em vez de uma invasão com grandes quantidades de carros de combate e fogos massivos de artilharia, a Rússia destacou menos de 10.000 tropas de assalto, na sua maioria à base da infantaria naval, já estacionada na Crimeia, apoiada por forças aerotransportadas e forças “Spetnaz”, contra o efetivo ucraniano de 16.000 militares. As viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) BTR-80 foram as viaturas mais pesadas que os russos usaram.<sup>13</sup>

Método Tradicional	Nova Metodologia
A Ação militar começa após a declaração de guerra; Os embates entre as grandes unidades consistem, basicamente, de forças terrestres; Derrotam-se as forças inimigas para controlar e conquistar território; Destruição do poder económico e anexação territorial; Operações de combate em terra, ar e mar; Gestão das tropas por uma hierarquia rígida.	A ação militar começa com grupos de combate em tempo de paz; Não existem grandes embates entre os grupos de combate; Aniquilação do poder económico e militar do inimigo por pequenos ataques cirúrgicos; Uso massivo de armas de alta precisão e tecnologia; Emprego de civis armados (4 civis para 1 militar); Ataques simultâneos às unidades inimigas e instalações em todo o território; Operações de combate simultâneas em terra, ar, mar e no ciberespaço; Uso de métodos assimétricos.

Fig. 13 – A mudança de paradigma do General Gerasimov

**Fonte:** (traduzido de Berzins, 2014, p. 5)

No verão de 2014 a área controlada pelas milícias reduz-se significativamente e o sucesso das operações desencadeadas pelas forças ucranianas é uma realidade. As constantes

<sup>13</sup> Ver BERZINS, Janis, RUSSIA’S NEW GENERATION WARFARE IN UKRAINE, no endereço: <http://www.naa.mil.lv/~media/NAA/AZPC/Publikacijas/PP%2002-2014.ashx>, consultado em julho de 2014.



interferências da Rússia no conflito influenciaram o seu resultado com a consequente retirada das forças ucranianas em fevereiro de 2015, das regiões de Donetsk e Lugansk.

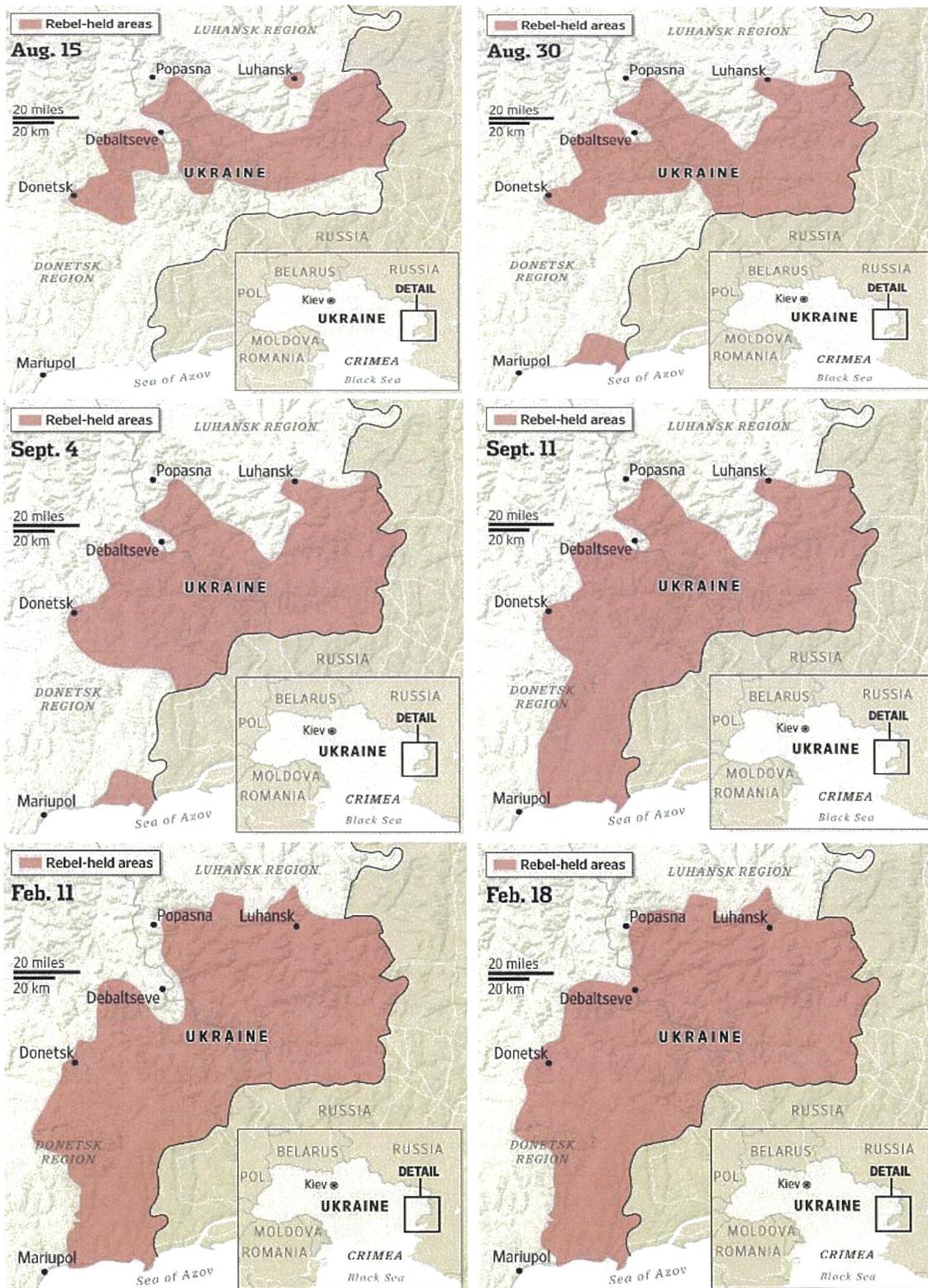


Fig. 14 - Evolução da situação no leste da Ucrânia – agosto14/fevereiro15 (adaptado)

Fonte: (www.wsj.com)







EDITORIAL: REVISTACIENCIASMILITARES@IESM.PT  
TELEFONE: 213025250/1 213002151  
MORADA: RUA DE PEDROUÇOS - 1449-027 LISBOA



CAPA  
COMPOSIÇÃO GRÁFICA  
TENENTE-CORONEL - TINF RUI JOSÉ DA SILVA GRILO  
SOBRE GRAVURA DE  
TENENTE-GENERAL VÍTOR MANUEL AMARAL VIEIRA